

# **A invenção da morte no Egito Antigo: o eurocentrismo cristão nas interpretações sobre as crenças funerárias egípcias**

*The invention of death in Ancient Egypt: Christian  
Eurocentrism in interpretations of Egyptian funerary beliefs*

NYORD, Rune. *Yearning for Immortality: The European  
Invention of the Ancient Egyptian Afterlife*. Chicago: University  
of Chicago Press, 2025. 316 p.

**Pedro Hugo Canto Núñez\***

---

Recebido em: 04/08/2025  
Aprovado em: 15/10/2025

Muitos centros de Egiptologia possuem uma “visão conservadora” do Egito Antigo, utilizando conceitos e termos que existem há décadas. Apenas recentemente, há menos de 20 anos, vimos na Egiptologia uma busca, ainda que tímida em quantidade, por reformulações de termos que possuem uma raiz etimológica em preceitos cristãos, como “Liturgia Funerária”, “Arcaísmo”, “Cânone”, “Democratização do Além” ou “Moral”. Essa reformulação está de acordo com críticas da Antropologia e da Arqueologia à Egiptologia sobre uma falta de rigor teórico-metodológico no trato com as fontes egípcias, alegando um fechamento da disciplina para críticas externas (Adams, 1997; Meskell, 1999; Saleh, 2007; Meeks, 2015; Nyord, 2018; 2019; 2020).

Rune Nyord, professor da Emory University, é uma das vozes mais proeminentes nos últimos 20 anos nesse debate e, com seu novo livro, intitulado *Yearning for Immortality: The European Invention of the Ancient Egyptian Afterlife*, tenta não apenas explicar a origem da interpretação eurocentrada e cristã da antiga religião egípcia, mas historicizá-la em um contexto mais amplo. O autor é, por muitas vezes, sincero com seus leitores sobre

---

\* Doutor, Mestre e Bacharel em História pelo PPGH-UFRN, orientado pelas professoras Marcia Severina Vasques e Maria Violeta Pereyra. Foi bolsista Capes PRINT de Doutorado Sanduíche na Universidad de Alcalá (UAH), Espanha, sob orientação do professor Antonio Morales (2023-2024). É secretário do ANTIQVA/UFRN - Laboratório de História Antiga, e desenvolve pesquisas sobre o Espaço Funerário no Egito Antigo, com foco em tumbas reais e de particulares no Reino Novo, e sobre o Ensino de História Antiga e Medieval.

as possibilidades e problemáticas nas interpretações, defendendo-se constantemente de que não está julgando as fontes que está trabalhando e, sim, compreendendo-as dentro de seus contextos históricos. O juízo de valor vem para os egiptólogos atuais que reproduzem uma visão deturpada e antiquada da religião funerária egípcia, usando preceitos que existem desde o final do século XIX e apresentam as mesmas perspectivas teleológicas da Egiptologia dessa época. Para Nyord, as exceções a essa regra, com contextualizações e análises sobre as práticas locais residem mais nos historiadores que trabalham com Egito Antigo do que com os egiptólogos de formação.

Mais do que uma demonstração historiográfica da Egiptologia, Nyord apresenta quais ideias e explicações atuais sobre o Egito são respaldadas em uma colonização conceitual que está de acordo com a cosmovisão europeia dos séculos XVII ao XIX. Esse problema é atual, pois, se observarmos a ideia de que os egípcios são “obcecados com a morte”, reproduzida constantemente pela mídia, ela, na verdade, não é mais aceita na Egiptologia, mas o que permanece é algo semelhante: uma visão de que os antigos egípcios sempre buscavam pela vida eterna.

Essas perspectivas fazem parte de uma recepção do “Egito Antigo” pelo “Egito construído” na Egiptologia, uma indagação que Nyord nos apresenta em sua Introdução. O autor alega que a Egiptologia como disciplina pode ter origem em 1822, com a decifração dos hieróglifos, mas as suas estruturas e formas de analisar a sociedade egípcia são anteriores. Por isso, Nyord dividiu o seu livro em oito capítulos, trabalhando com produções que vão da Antiguidade até o final do século XIX. O autor deixa claro que não buscou trabalhar com as vozes historicamente marginalizadas, por mais que isso seja extremamente importante, priorizando as construções dos homens, brancos, europeus e cristãos, que, conforme podemos constatar, são a maioria na Egiptologia até o século XX.

Por que, então, começar da Antiguidade? Nyord apresenta que a visão sobre a religião funerária egípcia não se formou de maneira linear nem somente a partir de descobertas arqueológicas precisas, mas sim a partir de um arcabouço conceitual já sedimentado no século XVII, baseado em categorias cristãs. Ao rastrear desde os autores clássicos e de viajantes medievais até os primeiros “pensadores modernos”, ele mostra como pressupostos sobre “corpo”, “alma” e “ritual”, construídos a partir do cristianismo, foram adaptados para explicar processos funerários egípcios como a mumificação. Esse enfoque desconstrói a ideia de “progresso acumulativo” e reforça a importância dos contextos históricos em que tais analogias foram empregadas.

No Capítulo 1, Nyord propõe a investigação das fontes clássicas e bíblicas, como Heródoto, Diodoro, Plutarco e o Gênesis, a partir de uma postura contextualista, historicizando essas fontes. Ao fazer isso, o autor trabalha em três frentes. A primeira seria

uma releitura das fontes da Antiguidade a partir da Teoria Pós-Colonial, uma perspectiva que dialoga diretamente com autores como Jonathan Hall, Iris Sulimani, Eleni Manolaraki e Abbas Amin. A segunda é a contextualização dos egípcios durante o período dos autores clássicos. A terceira seria pela recepção, demonstrando como diferentes públicos europeus, desde o século XV, usaram tais escritos para construir modelos sobre a vida após a morte egípcia.

Ao tratar sobre Idade Média, Nyord, no segundo capítulo, nos apresenta uma Europa medieval conectada, com fontes como mapas e descrições de peregrinações que constroem uma imagem específica do Egito em relação aos episódios bíblicos, por exemplo. Vemos a interpretação da religião funerária egípcia presente nas descrições das tumbas egípcias nas quais os peregrinos entraram. Nyord analisa essas conjecturas sobre os propósitos dos elementos dessas tumbas, como a de que as inscrições contêm a data da morte e que os amuletos se destinam a proteger o morto contra insetos. Além disso, o autor analisa como práticas de mumificação e cultos funerários foram interpretados por meio de analogias com a múmia medicinal europeia e debates com os clássicos, revelando diferentes visões sobre a preservação do corpo e que este estava ligado com uma crença egípcia na imortalidade literal.

O Capítulo 3 explana que, na segunda metade do século XVII, o Egito passou a ser incluído em grandes sínteses históricas, servindo de referência para lições às civilizações modernas. As visões sobre o Egito variavam entre a de Athanasius Kircher, que o via como um local de mistura entre monoteísmo, superstição e magia, e a de Jacques-Bénigne Bossuet, que o considerava uma sociedade justa e exemplo para monarcas europeus. Nyord apresenta que as interpretações sobre a religião funerária egípcia se dividiram entre o foco em elementos exóticos, como transmigração das almas, e a ênfase na justiça obtida após a morte. Essas ideias eram combinadas conforme os interesses de cada modelo de história universal e estavam de acordo com os preceitos cristãos do período. Por exemplo, a interpretação de que o “julgamento do morto” ocorre no Além, que entra de acordo com a concepção cristã de que Deus julga todos após a morte, antes da entrada no Paraíso, algo diferente da descrição de Diodoro, que seria um ritual realizado por humanos vivos.

Uma continuação necessária dos debates acerca da história universal, especialmente relevantes para os cristãos europeus, refere-se à relação entre a religião dos antigos egípcios e a dos judeus, tema central do Capítulo 4. Muitas vezes, tais debates foram influenciados por leituras retrospectivas, avaliando até que ponto estudiosos desses séculos atingiram interpretações “corretas” do Antigo Egito, mas Nyord muda essa perspectiva, investigando como estudiosos europeus entre os séculos XVII e XVIII utilizaram a religião

funerária egípcia para sustentar argumentos sobre uma possível continuidade ou ruptura entre as tradições religiosas judaica e egípcia. Para isso, o autor utiliza da contextualização do surgimento e da popularização de conceitos como “mistérios” e “rituais de iniciação egípcios” a partir da leitura de Apuleio, do crescimento da maçonaria e do romance *Sethos*, de Jean Terrasson, publicado em 1731.

O Capítulo 5 tem como período histórico a segunda metade do século XVIII, com viajantes inspirados pelos ideais do Iluminismo, que enfatizavam cada vez mais a documentação precisa de monumentos, proporcionando aos estudiosos na Europa uma noção mais detalhada dos antigos egípcios do que a disponível anteriormente. Nyord observa que existia uma busca por “objetividades” nesses autores, o que os levava a interpretações diferentes das preocupações teológicas do período, como no caso do estudioso dinamarquês Georg Zoega. Zoega, durante a ocupação napoleônica do Egito, adotou uma abordagem empírica dos monumentos egípcios e, mesmo influenciado pelo cristianismo, integrou diversas perspectivas antigas para propor um modelo complexo sobre o “destino das almas”, utilizando a própria iconografia egípcia, uma prática metodológica que, de acordo com Nyord, fundamentou discussões posteriores sobre julgamento pós-morte.

No Capítulo 6, Nyord examina o impacto intelectual da invasão do Egito por Napoleão em 1798, e a publicação da *Descrição do Egito*, especialmente ao consolidar ideias sobre “julgamento pós-morte” e “transmigração das almas” com base em imagens de tumbas egípcias. Incorporando conceitos do século XVIII, o autor analisa como a nova abordagem sugeriu que papiros funerários ilustravam a jornada da alma após a morte, observando o contexto dessas ideias e seu reconhecimento, o que culminou na publicação do deciframento dos hieróglifos, em 1822. Mas esse deciframento, conforme Nyord comenta no Capítulo 7, ocorreu de maneira mais gradual do que frequentemente é considerado, de modo que as leituras dos textos egípcios conferiam notoriedade para determinados autores, como Jean-François Champollion. Um dos exemplos elencados pelo autor, neste capítulo, é a cena da pesagem do coração, na qual Champollion apresentou uma análise detalhada da iconografia em conjunto com os textos e reforçou a interpretação de um julgamento pós-morte. O impacto dessa e de outras visões sobre a religião funerária egípcia foi um progressivo afastamento da ideia de “transmigração de almas para novos corpos”. O Capítulo 7 sustenta que essa ideia perdeu relevância ao passo que a concepção de um julgamento ético após a morte passou a ganhar maior aceitação, influenciando leituras específicas dos papiros funerários egípcios no século XIX.

No Capítulo 8, Nyord apresenta como houve a consolidação da compreensão moderna da vida após a morte no antigo Egito. Após a rejeição da “transmigração das

almas”, as interpretações de textos e imagens funerárias passaram a focar nas “jornadas da alma”, fundamentadas em traduções que se ampliaram a partir da década de 1860. Fontes como o *Livro dos Mortos* e as inscrições em pirâmides (os *Textos das Pirâmides*), foram usadas pela Egiptologia do final do século XIX para embasar visões sobre uma vida após a morte, que, de acordo com a visão de Nyord, descontextualizavam trechos dessas fontes para enfatizar um exotismo para com uma “doutrina egípcia”. Nesse período, as publicações de Emmanuel de Rouge, Samuel Sharpe, Samuel Birch, Théodule Devéria, Gaston Maspero, Peter Le Page Renouf, Ernest Alfred Wallis Budge e Adolf Erman são contextualizadas por Nyord de acordo com as suas interpretações sobre a religião funerária egípcia, como as concepções sobre os elementos do morto, os espaços do Além e as comparações dos egípcios com outras crenças, como as dos gregos e o cristianismo atual.

Assim, Nyord mostra que a imagem que temos da religião funerária do Egito Antigo não nasceu de um progresso linear de descobertas arqueológicas, mas de um arcabouço conceitual eurocentrista, enraizado em categorias cristãs e formado já no século XVII, que foi usado para explicar práticas como a mumificação e o culto aos mortos por meio de analogias com corpo, alma e julgamento da ética e da moral. Ao traçar essa genealogia aos relatos medievais e renascentistas sobre múmias, cultos de “mistério” e ritos de iniciação, passando pelas grandes sínteses universalistas do século XVII e pelo viés iluminista e imperialista dos viajantes do século XVIII, até a cristalização final do paradigma “soteriológico” nos trabalhos de Champollion, Budge e Erman em meados do século XIX, o livro evidencia como, apesar de variações e acréscimos empíricos, o núcleo de uma “salvação individual” egípcia perdurou nas análises da religião egípcia.

Em sua conclusão, Nyord convoca o leitor a abandonar o modelo etnocêntrico e a retomar as práticas rituais a partir de categorias indígenas egípcias, abrindo caminho para um novo entendimento menos dependente de categorias cristãs e mais fiel às fontes. Como exemplos, podemos citar três que o autor destaca. O primeiro é que os estudos recentes retomam o conceito “Akh” não como “alma imortal”, que faria uma referência direta à noção cristã de espírito, mas uma “força eficaz” ligada ao culto familiar e ao sustento dos mortos, fundamentado em uma releitura das inscrições do *Livro dos Mortos* que enfatizam a continuidade social e material entre vivos e os mortos. Isso, de acordo com Nyord, reformula conceitos como “Ba” e “Ka” para além do que o modelo cristão implica, a dicotomia entre “corpo” e “alma”. O segundo é a “múmia”, de modo que interpretamos hoje a mumificação como uma parte material do processo de transformação do morto em um ancestral, e, na visão antiquada que fora construída ainda no período medieval europeu, ela visava a preservar o corpo em um estado semelhante à vida por toda a

eternidade. Por fim, a cena de pesagem do coração, comumente associada ao julgamento de Osíris, interpretado a partir da perspectiva de um Juízo Final cristão, seria apenas mais um ritual da religião egípcia que nem era exclusivamente funerário.

Com isso, analisando a obra como um todo, sua escolha em trabalhar apenas com homens, brancos, europeus e cristãos pode parecer arbitrária e excludente, mas a forma em que essas produções foram analisadas demonstram uma maturidade e sinceridade no texto de Nyord que estão de acordo com as perspectivas atuais da Teoria Pós-Colonial e da Decolonialidade. Longe de apenas incidir uma luz sobre essas produções, analisá-las e dispor em uma construção historiográfica pré-1822 e pós-1822, Nyord nos faz refletir sobre o futuro da nossa disciplina, tentando fomentar uma perspectiva decolonial da Egiptologia. Isso, conforme podemos defender, funciona não apenas para o seu contexto do Norte Global.

Para o nosso contexto brasileiro, a leitura desse livro é indispensável para a formação de jovens que almejam o estudo do Egito antigo. Até final de 2022, a maioria das pesquisas em Egito Antigo desenvolvidas no Brasil tinham como tema central as crenças funerárias e religião egípcias, o que demonstra a procura nacional sobre esse tema, seja por questão de acesso às fontes disponíveis ou por interesses pessoais. Os centros que pesquisam o tema são comumente do Departamento de História (USP, UFRJ e UFRN) ou de Arqueologia (MAE-USP e Museu Nacional/UFRJ), uma vez que não temos centros de Egiptologia como na Europa ou nos Estados Unidos da América (Vasques; Canto Núñez, no prelo). No entanto, isso não é um problema, pois os nossos centros de formação implicam, de certa forma, em uma atualização na perspectiva teórico-metodológica da Egiptologia que esteja de acordo com a Teoria da História ou a Teoria Arqueológica.

Se pensarmos especificamente na nossa realidade, em religião e na formação da Egiptologia a partir de interpretações eurocentradas e cristãs da antiga religião egípcia, entendemos que, de fato, temos um estado que não é laico, com uma cristandade intrínseca em nosso cotidiano, mas os contatos com as nossas religiões de matriz africana podem auxiliar em novas interpretações sobre as crenças funerárias egípcias. Por exemplo, as visões sobre o culto a Babá Egum (*Bàbá Ègùn*) para o candomblé são semelhantes às concepções egípcias de cultos aos mortos, à ancestralidade e à sua convocação como “o Osíris, [nome do morto]”.

Sendo assim, é de suma importância a leitura do livro de Rune Nyord por graduandos ou pós-graduandos em cursos de História, Letras e/ou Arqueologia que desejem estudar o Egito Antigo. Isso reverberará em uma nova forma de interpretar toda a produção da Egiptologia que comumente utilizamos, efetuando, se possível, novas traduções das fontes direto do Egípcio para o português. Ao fazermos isso, endossaremos a proposta

de Nyord por uma releitura dos textos funerários egípcios, demonstrando uma mudança desde a formação inicial na Egiptologia brasileira a partir de um diálogo que deve ocorrer entre o Sul Global. Não seria, então, uma quebra completa com a Egiptologia europeia, pois esta possui inúmeros documentos em seus museus e bibliotecas, assim como recursos para escavações, mas uma redistribuição do poder, em que Norte e Sul possam contribuir para uma “Nova Egiptologia”.

## Referências

- ADAMS, W. Anthropology and Egyptology: divorce and remarriage? In: LUSTIG, J. (ed.). *Anthropology and Egyptology: a developing dialogue*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 25-32.
- MEEKS, D. Linguistique et Égyptologie: entre Théorisation à priori et contribution à l'étude de la culture égyptienne. *Chronique d'Égypte*, v. 90, n. 179, 2015, p. 40-67.
- MESKELL, L. *Archaeologies of social life*. Oxford: Blackwell Press, 1999.
- NYORD, R. “Taking Ancient Egyptian mortuary religion seriously”: why should we, and how could we? *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, v. 17, p. 73-87, 2018.
- NYORD, R. Introduction: Egyptian and Egyptological concepts. In: NYORD, R. *Concepts in Middle Kingdom funerary culture: proceedings of the Lady Wallis Budge anniversary symposium held at Christ's College*. Leiden: Brill, 2019.
- NYORD, R. On interpreting ancient Egyptian funerary texts. *Clarusculo*, v. 19, n. 2, p. 1-23, 2020.
- NYORD, R. *Yearning for immortality: the European invention of the Ancient Egyptian afterlife*. Chicago: University of Chicago Press, 2025.
- SALEH, H. *Investigating ethnic and gender identities as expressed on wooden funerary stelae from the Libyan Period (c. 1069-715 BCE) in Egypt*. Oxford: BAR, 2007.
- VASQUES, M. S.; CANTO NÚÑEZ, P. H. Formações egiptológicas no Brasil: os caminhos, os contextos e as perspectivas futuras. In: SILVA, L. O. G. et al. (ed.). *Egiptologias luso-brasileiras: contribuições para uma discussão global*. Lisboa: CHAM (no prelo).